

#VACINA OBRIGATORIANO: A CAMPANHA BOLSONARISTA NO TWITTER

#NOMANDATORYVACCINE: BOLSONARIST CAMPAIGN ON TWITTER

#VACUNA OBLIGATORIANO: LA CAMPAÑA BOLSONARISTA EN EL TWITTER

TATHIANA CHICARINO¹

ELIANA LOUREIRO²

ROSEMARY SEGURADO³

Submissão: 19/07/2022

Aprovação: 19/04/2023

Publicação 30/06/2023

¹ Cientista Política. Doutora e Mestra em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professora de pós-graduação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, onde também é coordenadora acadêmica da pós-graduação “Gestão de Políticas Públicas e Legislativo” (GPPLegis) e do MBA “Saneamento Ambiental”. Pesquisadora do NEAMP (Núcleo de Estudo em Arte, Mídia e Política) da PUC-SP.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-9306-5668> E-mail: tschicarino@gmail.com

² Coordenadora da pós-graduação em Comunicação e Marketing Digital e do MBA em Marketing Digital (parceria Empiricus e Centro Universitário Armando Alvares Penteado) e professora de graduação dos cursos de Jornalismo e Propaganda (Centro Universitário Armando Alvares Penteado), e professora de cursos livres (ESPM). Doutoranda da UFABC de Ciências Humanas e Sociais (UFABC), mestre em Comunicação e Consumo (ESPM - bolsista CAPES), pós-graduada em Jornalismo pelo (Senac-SP) e graduada em Propaganda e Marketing (Mackenzie).

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8384-1600> E-mail: eliana@wndr.com.br

³ Possui graduação em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992), mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996) doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002) e pós-doutorado em Comunicación Política pela Universidad Rey Juan Carlos de Madrid (2008).

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3910-4603> E-mail: roseseg@uol.com.br

RESUMO

A presente pesquisa trata da campanha de desinformação em relação à vacina da Covid-19 encampada pela rede de extrema direita bolsonarista no Twitter entre dezembro de 2020 e janeiro de 2022. Buscamos analisar essa campanha de desinformação por meio da dinâmica discursiva de seis maiores influenciadores político-digitais bolsonaristas, dentre eles o então presidente da República, Jair Bolsonaro. Tomamos como hipótese investigativa a de que esses influenciadores político-digitais atuaram como *superspreaders* na propagação/viralização de desinformação nas redes de forma deliberada com intuito de mudar as rotas discursivas em termos de disputa por hegemonia. Assim, em um corpus de 7.386 tuítes, observamos a operacionalização dessa estratégia discursiva no estabelecimento de fronteiras políticas contingenciais pela articulação de significantes vazios em determinadas cadeias de equivalências. O resultado é a promoção de uma desconfiança sistemática no espaço público em relação às medidas sanitárias e à campanha de vacinação.

Palavras-chave: Influenciadores político-digitais bolsonaristas. Desinformação. Negacionismo científico. Estratégia discursiva.

ABSTRACT

This research deals with the disinformation campaign regarding the COVID-19 vaccine, carried out by the far-right Bolsonaroist network on Twitter between December 2020 and January 2022. We seek to analyze this campaign through the discursive dynamics of six major Bolsonaroist digital influencers, among them the then President of the Republic, Jair Bolsonaro. We took as an investigative hypothesis that these political-digital influencers acted as superspreaders in the deliberate propagation/viralization of disinformation on networks in order to change the discursive routes in terms of dispute for hegemony. Thus, in a corpus of 7,386 tweets, we observe the operationalization of this discursive strategy

in the establishment of contingent political boundaries through the articulation of empty signifiers in certain chains of equivalences. The result is the promotion of a systematic mistrust in the public space in relation to sanitary measures and the vaccination campaign.

Keywords: Bolsonaroist political-digital Influencers. Disinformation. Scientific denialism. Discursive strategy.

RESUMEN

La presente investigación aborda la campaña de desinformación sobre la vacuna contra el Covid-19 protagonizada por la red de extrema-derecha bolsonarista en Twitter desde diciembre de 2020 hasta enero de 2022. Buscamos analizar a esa campaña de desinformación a través de dinámica discursiva de los seis más grandes influenciadores político-digitales bolsonaristas, entre ellos el entonces presidente de Brasil, Jair Bolsonaro. Nuestra hipótesis de investigación es que esos influenciadores actuaron como superspreaders [superpropagadores] de desinformación en las redes sociales de forma deliberada con el objetivo de cambiar a las rutas discursivas en términos de disputa hegemónica. Así, en un corpus de 7.386 tuits observamos la operacionalización de esa estrategia discursiva en establecimiento de fronteras políticas de contingencias por la articulación de significantes vacíos en determinadas cadenas de equivalencias. El resultado es la promoción de una desconfianza sistematizada en el espacio público en relación a las medidas sanitarias e a las campañas de vacunación.

Palabras-clave: Influencers político-digitales bolsonaristas. Desinformación. Negacionismo científico. Estrategia discursiva.

INTRODUÇÃO

Nosso estudo visa compreender as estratégias discursivas de desinformação empregadas por influenciadores político-digitais durante o período da pandemia da Covid-19. Para tanto, tomamos o Twitter como campo de observação e análise por considerá-lo um “ambiente que ancora processos de formação (e distorção) da opinião pública porque reúne os líderes de opinião mais influentes do país” (RUEDIGER, M. A., GRASSI, 2020, p. 03), e por ser um locus “de debate público [em que se tornaram possíveis] inúmeras conversações, debates e controvérsias on-line” (PENTEADO et al. 2021, p. 107) selecionamos, para sistematização e análise, conteúdos discursivos de atores situados na extrema direita bolsonarista.

Tal escolha se baseia no entendimento de que a lógica comunicacional bolsonarista (CHICARINO, T. S.; RONDEROS, 2019) possui dinâmicas formais de inter-relação entre atores estratégicos com funções específicas, embora fortemente articuladas, se iniciando pela criação profissional de conteúdo a partir de estratégias pré-definidas; se tornando viral pela atuação de apoiadores orgânicos, trolls, social bots e bots¹; e contando com um reforço, uma espécie de efeito-demonstração, pela manifestação pública e com intencionalidades em termos de agendamento e enquadramento de políticos, blogueiros, celebridades – ou seja, de influenciadores político-digitais.

Por influenciadores político-digitais entendemos aqueles atores que tratam sobremaneira de política – nos termos de Mouffe (2015, p. 8) sobre os fatos da atuação política – e não aqueles que se situam nos campos da moda, divulgação de marcas e/ou entretenimento de forma mais estrita. De toda maneira, para exercer tal influência é preciso deter algum tipo de capital social nas redes sociais como visibilidade, reputação, popularidade e autoridade (RECUERO, 2009) e se, “social capital represents some aggregation of valued resources (such as economic, political, cultural, or social, as in social connections) of members interactive as a network or networks” (LIN, 1999, p. 33 e 37) observaremos as estratégias discursivas de perfis da extrema direita bolsonarista como um elevado número de compartilhamentos no Twitter - ou seja, que apresentam os elementos acima citados por Recuero (2009) e mais especificamente se constituem como *superspreaders*.

Com relação ao espalhamento do vírus SARS-CoV-2 em si, verificou-se em certo momento a existência de *superspreaders*, indivíduos com “a greater than average propensity to infect a larger number of people” (CAVE, 2020, p. 236) e tomando a epidemiologia como referência, os pesquisadores do The Center for Countering Digital Hate – CCDH (2020) também identificaram *superspreaders* na propagação de desinformação relacionada às vacinas. Esses perfis persuasivos integrariam um pequeno, mas eficaz grupo antivacina com intensa presença nas redes digitais.

1 Em estudo sobre o ecossistema bolsonarista Keulenaar et al. identificaram a presença e a influência de bolsobots (robôs bolsonaristas) no Instagram, Twitter e TikTok, e especificamente sobre o Twitter dizem que “[...] are not only responsible for making “noise” on the platform by replying and retweeting a lot of content. They are also creators of original content that is replied to and spread out by regular users and bots”. In: Profiling Bolsobot Networks. In: <https://publicdatalab.org/2022/05/05/profiling-bolsobot-networks/>. Acessado em 28 de maio de 2022

Em outro relatório, o CCDH (2021) identifica os doze maiores spreaders antivacina em uma amostra de conteúdos desse tipo no Facebook e Twitter entre 1 de fevereiro e 16 de março de 2021. O resultado apresentado pelos pesquisadores é que 65% do conteúdo antivacina é atribuível ao que nomeiam como the Disinformation Dozen.

Nesse mesmo sentido, Dourado (2021, p. 9) argumenta que influenciadores digitais podem apresentar a capacidade “de amplificar abruptamente conteúdos enganosos” como foi o caso da desconfiança em relação ao sistema eleitoral impingida por personagens que compõem a base aliada de Bolsonaro como constatado por pesquisadores da FGV que buscaram “[...] compreender a paisagem de desordem e manipulação informativa de teor antissistema e conspiratório que tem emergido na esfera pública on-line e apoiado processos de distorção da opinião pública no Brasil, principalmente em contextos eleitorais” (RUEDIGER, M. A.; GRASSI, 2020, p.07).

Também Santos et al. (2019, p. 315) reconhecem em pesquisa sobre o WhatsApp durante as eleições 2018 um movimento de cooperação entre diversos grupos, inclusive de eleitores, na apropriação bem-sucedida dessa plataforma para propagação de desinformação. Chagas (2022) vai tratar o WhatsApp como palco para práticas de astroturf nessas mesmas eleições, qual seja, a presença organizada de atores do campo profissional da política, mas que emulam comportamentos espontâneos e desinteressados especialmente em grupos de desinformação, que ocupam uma posição altamente central em seu monitoramento.

Cesarino (2020, p. 105 e 106), ao focar na produção discursiva bolsonarista tendo como amparo teórico o conceito de populismo laclauiano concluirá que “as mídias digitais bolsonaristas não são apenas um veículo de comunicação entre líder e povo enquanto emissor e receptor dados de antemão: elas são o sistema líder-povo”. A partir disso verifica-se uma articulação entre os diferentes atores através de aparatos digitais em um tipo de mediação sem mediação (ao menos a institucional) que busca, através de estratégias discursivas, produzir uma “realidade à parte” (p. 97) tal como as “fake news [que] podem ser entendidas como uma espécie dentre a ampla gama de conteúdos capazes de gerar distorções e enganos no entendimento da realidade” (DOURADO, 2020, p. 69).

A partir desses entendimentos estabelecemos como hipótese investigativa que influenciadores político-digitais situados na extrema direita bolsonarista atuam como

superspreaders e adotam deliberadamente a desinformação como estratégia discursiva. Isso porque o objetivo desses *superspreaders* é gerar incerteza e confusão nas redes, muitas vezes acionando teorias da conspiração: por essa razão, as contradições discursivas não se apresentam como uma desvantagem ou um problema, mas antes um objetivo (CCDH, 2020, p. 4 e 5).

Their strategy is simple. Exploit social media algorithms' predilection for controversial and engaging content to hammer home three key messages - Covid isn't dangerous; vaccines are dangerous; and mistrust of doctors, scientists and public health authorities.

Nossa hipótese caminha no sentido de compreender as estratégias discursivas de desinformação sendo operacionalizadas em uma tática de enquadramento² (enquanto organização de sentido) da militância digital pelo estabelecimento de fronteiras políticas contingenciais que se fazem através da articulação de significantes vazios em determinadas cadeias de equivalências (LACLAU, 2015; MOUFFE, 2015).

Considerando o referencial teórico laclauiano (2015, p. 47), discursos são “totalidades estruturadas, que articulam tanto elementos linguísticos como não linguísticos” por meio de uma relação articulatória de identidades coletivas (não fixas de antemão) temporariamente construídas tendo como fundamentos quem será o outro e quais fronteiras discursivas serão *engendradas*. E como muitas e heterogêneas são as demandas que circundam o mundo social em certos momentos, elas podem se fixar com temporária estabilidade em um ponto nodal, um elemento unificador em uma estrutura de sentido, dando significado a um significante anteriormente vazio.

Essa operação está no cerne das disputas por hegemonia (LACLAU; MOUFFE, 2015) e como bem sintetiza Kozicki em prefácio do livro de Mouffe (2015, p. IX e X):

O conceito de hegemonia está relacionado à construção de um campo discursivo que pretende atuar como elemento de convergência de sentido entre diferentes possibilidades significativas, capazes de agregar em seu interior diferentes demandas, pontos de vista e atitudes. A ocorrência de um novo campo

2 O conceito de enquadramento pensando no escopo da produção midiática da imprensa por nós é utilizado para compreender os conteúdos discursivos de influenciadores político-digitais, lembrando que o enquadramento tem o papel de organizar o pensamento, de criar um padrão integrado, formatando como pensamos os temas públicos em “esquemas de interpretação” (MCCOMBS, 2004, p. 140).

discursivo, resultante de determinada prática de articulação, capaz de impor a si própria como hegemônica, vai acarretar a redefinição dos termos do debate político e estabelecer uma nova agenda política.

Isto posto, nossa pesquisa buscar identificar o *outro* ou os *outros* nas fronteiras discursivas estabelecidas pela extrema direita bolsonarista no Twitter durante o período de pandemia e como a desinformação se constitui como uma estratégia discursiva dos *superspreaders* na “redefinição dos termos do debate”, na mudança de rota discursiva.

A DESINFORMAÇÃO EM CONTEXTO PANDÊMICO E AUTOCRÁTICO

As notícias falsas não são invenções recentes, mas na contemporaneidade adquirem outras características por conta da digitalização e do potencial aumento na velocidade e alcance dos conteúdos no que caracterizamos como desinformação. Segundo a UNESCO (2017), podemos diferenciar as notícias falsas de desinformação da seguinte forma:

pessoa, um grupo social, uma organização ou um país.

Informação incorreta: informação falsa, mas não criada com a intenção de causar algum dano.

Má-informação: informação que é baseada na realidade, mas usada para causar danos a uma pessoa, organização ou país

Para Allcott e Gentzkow (2017), há intencionalidade na produção da falsificação quando tratamos de desinformação. Wardle e Derakhshan (2017) vão abordar o fenômeno, descartando o termo *fake news*, pela apropriação que políticos tendem a fazer sobre o termo, causando confusão deliberada, muitas vezes para esconderem a rede de produção de desinformação que fomentam ou estimulam.

O Grupo de Alto Nível sobre Notícias Falsas e Desinformação Online (2017) vai no mesmo sentido e argumenta que o termo *fake news* traz uma estrutura muito ampla de conteúdos que vai desde informações incorretas até intencionalmente criadas para desestabilizar processos sociais e políticos. São amplamente compartilhadas nas mídias digitais por perfis falsos ou bots, e se prestam a desqualificar personalidades públicas legítimas, por exemplo, em disputas eleitorais. Sendo assim, o termo *fake news* não é o mais adequado para a caracterização do fenômeno, podendo inclusive mascarar essas

intencionalidades, principalmente em um momento em que precisamos enfatizar a importância da base factual da informação tendo em vista que observamos um crescente distanciamento entre notícias e fatos, gerando uma espécie de autonomização em que prevalecem opiniões.

A forma de disseminação da desinformação também é um aspecto muito importante e o paradigma comunicacional de multiplicidade de emissores pode ser um dificultador na diferenciação entre informações com base factual e desinformação.

Nesse contexto de profunda alteração nos paradigmas comunicacionais, a propagação de desinformação tem ocorrido de forma exponencial com o uso de bots, social bots, modulação algorítmica e uso de inteligência artificial. Significa dizer que é preciso colocar em destaque os dispositivos que viabilizam essa rede de disseminação de desinformação e que potencialmente provocam tensionamentos sociais e políticos extremos. Os conflitos verificados nas redes digitais em virtude da atuação de milícias digitais que compartilham informações falsas sobre adversários políticos vêm provocando o esgarçamento dos laços sociais, favorecendo a cultura do ódio e do medo e estimulando frequentes ataques às reputações de indivíduos, à existência de grupos e de instituições e da própria democracia (MOROZOV, 2018).

Considerando o amplo uso das tecnologias digitais para o compartilhamento de desinformação, entendemos que é preciso enfatizar a importância desses dispositivos na capacidade que possuem de alterar as percepções e modular os comportamentos. Ao reconhecermos que as mídias digitais possuem um papel fundamental no ecossistema desinformativo, destacamos o papel e protagonismo dos algoritmos (SEYFERT & ROBERGE, 2016; BRUNO et al, 2018) à medida em que incorporam mecanismos automatizados avançados de inteligência artificial que tornam visíveis, inteligíveis e operacionalizáveis processos e fenômenos sociais inscritos nesse imenso volume de dados.

A desinformação e os posicionamentos que emergem em um contexto de reconfiguração das mediações políticas são ainda mais perniciosos em contextos de pandemia. Nesse sentido, alguns pesquisadores passaram a utilizar a terminologia ‘infodemia’³:

3 Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=5>. Acessado em 28 de maio de 2022

Conforme declarado pela OMS, o surto de COVID-19 e a resposta a ele têm sido acompanhados por uma enorme infodemia: um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa.

O fato de a epidemia eclodir na China, ativou preconceitos xenófobos com críticas aos modos de vida e hábitos alimentares da população chinesa. Não faltaram notícias de caráter duvidoso com teorias da conspiração afirmando que o vírus havia sido criado na China, motivados por uma busca por hegemonia mundial ante aos Estados Unidos. Em levantamento realizado pela Agência Pública sobre a *hashtag* VirusChines, que alcançou em março de 2020 os Trending Topics no Twitter, verificou-se a presença de bots e reforço do deputado federal Eduardo Bolsonaro⁴.

A expectativa para a descoberta de uma vacina para o combate do Covid-19 foi muito grande, tendo em vista que para muitos cientistas e infectologistas somente a vacinação em massa seria a única forma capaz de diminuir o contágio. Nesse caso específico, a OMS manifestava uma preocupação com o chamado movimento antivacina, organizado em muitos países, entre eles o Brasil⁵.

O movimento antivacina é embalado por uma miríade de desinformações e teorias da conspiração. Em checagem realizada pela Agência Pública⁶ por exemplo, é constatada a existência de conteúdos que afirmam que a vacina contra a Covid-19 continha microchips para realizar o rastreamento da população – algo amplamente negado pela comunidade médica. Nesse âmbito vale destacar a participação de grupos conservadores e de extrema direita na criação e propagação de teorias da conspiração que alimentam os processos de desinformação em uma cruzada anticência e antivida.

Entendemos que as estratégias discursivas baseadas na desinformação – uma hipótese que aventamos neste artigo como presente na atuação de influenciadores político-digitais do campo bolsonarista – ganham sentido no contexto contingencial em que estão inseridas, ou seja, na disputa por hegemonia (LACLAU, 2015; MOUFFE, 2015),

4 Disponível em: <<https://apublica.org/2020/03/robos-levantaram-hashtag-que-acusa-china-pelo-coronavirus/>>. Acessado em 28 de maio de 2022

5 SALAS, J. Movimento antivacina cresce em meio à pandemia. In: <<https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-06-04/movimento-antivacina-cresce-em-meio-a-pandemia.html>>. Acessado em 28 de maio de 2022

6 Disponível em: <<https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/vacina-do-coronavirus-nao-tera-microchip-para-rastrear-a-populacao/>>. Acessado em 28 de maio de 2022

especialmente por ser a pandemia ser um momento crítico que, como nos diz Gramsci (1968), está mais suscetível a crises em sua capacidade de reprodução hegemônica.

Os atos e omissões praticados em âmbito federal são estarrecedores e merecem ser amplamente divulgados, sendo eles:

Defesa da tese da imunidade de rebanho [...]; Incitação constante à exposição da população ao vírus e ao descumprimento de medidas sanitárias preventivas [...] Banalização das mortes e das sequelas causadas pela doença [...] Obstrução sistemática às medidas de contenção promovidas por governadores e prefeitos [...] Foco em medidas de assistência e abstenção de medidas de prevenção da doença, amiúde adotando medidas apenas quando provocadas por outras instituições, em especial o Congresso Nacional e o Poder Judiciário; Ataques a críticos da resposta federal, à imprensa e ao jornalismo profissional, questionando sobretudo a dimensão da doença no país; Consciência da irregularidade de determinadas condutas (VENTURA; AITH; REIS, 2021, p. 03 e 04).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Utilizamos os dados do Observatório de Conflitos da Internet⁷ entre os dias 08/12/2020 e 18/01/2022, coletados por meio da API de acesso público do Twitter. A coleta foi feita a partir de trinta e oito termos relacionados à vacina, tais como NaoVouTomarVacina, PassaportedaVacina, varianteômicron, vacinaobligatoriano, que resultaram em 7.386 tuítes. Em seguida, selecionamos os dez perfis mais retuitados, o que resultou em um corpus de 2.810 tuítes.

Nosso objetivo é compreender as estratégias discursivas com foco na desinformação da rede de extrema direita bolsonarista no ambiente digital. Logo, excluimos de nossa análise o 1º perfil mais retuitado (Quadro 1), que é do biólogo e divulgador científico Atila Iamarino e dos políticos situados no campo progressista, portanto, opositores do bolsonarismo: Marcelo Freixo, tendo sido deputado estadual e federal, em 2023 presidindo a Embratur (Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo) e 4º mais retuitado; Randolfe Rodrigues, senador Rede-AP e vice-presidente da CPI da Covid

7 O Observa tem por objetivo o desenvolvimento de ferramentas computacionais para coleta, processamento e análise de conflitos na Internet. Para saber mais sobre o projeto ver: <https://observa.pesquisa.ufabc.edu.br/list/vacinometro-covid-19/>. Acessado em 28 de maio de 2022.

(ou CPI da Pandemia)⁸, 9º mais retuitado; Guilherme Boulos, eleito deputado federal em 2022 pelo PSOL-SP, membro da Coordenação Nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e 10º mais retuitado.

Dessa forma, optamos pelos seguintes personagens políticos: 1) o próprio Jair Bolsonaro – presidente da República de 2018 a 2022, com 8,3 milhões de seguidores e 429 mil retuítes; 2) Guilherme Fiuza – autoidentificado como jornalista, com 1,2 milhão de seguidores e 349 mil retuítes; 3) Leandro Ruschel – autoidentificado como jornalista, com 783,9 mil seguidores e 269 mil retuítes; 4) Bárbara Te atualizei (@taoquei1) – autoidentificada como jornalista, com 1,1 milhão de seguidores e 268 mil retuítes; 5) Revista Oeste – uma mídia hiper partidária, com 452,2 mil seguidores e 267 mil retuítes; 6) Rodrigo Constantino – autoidentificado como jornalista, com 1,1 milhão de seguidores e 261 mil retuítes.

Perfis	Retuítes
oatila	634.200
jairbolsonaro	429.062
GFiuzza_Oficial	349.992
MarceloFreixo	341.382
leandroruschel	269.648
taoquei1	268.170
revistaoeste	267.448
Rconstantino	261.193
randolfcap	240.152
GuilhermeBoulos	237.047

Quadro 1: Perfis mais retuitados. Fonte: autoras a partir de dados do Relatório Vacinômetro/Observa (2022)

Para análise dos textos dos tuítes foi utilizado o *software* gratuito, livre e de código aberto IRAMUTEQ⁹. A funcionalidade possibilita identificar não somente os sentidos dos conteúdos, mas os contextos em que foram produzidos. O software permite que se

8 A CPI da Covid teve início em abril de 2021 com finalização em outubro de mesmo ano. Para saber mais ver: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/10/o-caminho-da-cpi-da-pandemia-da-instalacao-ao-relatorio-final>. e <https://legis.senado.leg.br/comissoes/composicao_comissao?cod-col=2441>. Acessado em 28 de maio de 2022.

9 O software utiliza a linguagem R para executar os cálculos estatísticos e foi escrito na linguagem Python. Disponível em: <<http://iramuteq.org>>. Acessado em 27 de maio de 2022

façam: análises estatísticas textuais clássicas; pesquisas de especificidades de grupos; classificações hierárquicas descendentes; e análises de similitude e nuvem de palavras.

A análise de dados textuais, ou lexical, tem uma abordagem tanto quantitativa quanto qualitativa, permitindo que se utilizem cálculos estatísticos sobre variáveis qualitativas, os textos. Sobre as análises textuais clássicas, o IRAMUTEQ, transforma as Unidades de Contexto Iniciais (UCI) em Unidades de Contexto Elementares (UCE), em que identifica a quantidade de textos (número de entradas); o número de ocorrências (a quantidade de palavras presente no corpus, a partir de um processo de lematização, que exclui a variação dos termos); número de formas (diferenciando entre palavras ativas e suplementares); número de hápax (palavras que aparecem somente uma vez); e, por fim, média de ocorrências por textos (número de ocorrências/número de textos) (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Uma das principais funcionalidades do *software* é reproduzir o método de Classificação Hierárquica Descendente - CHD (REINERT, 1990), que é representado por um dendograma. O *corpus* formado pelos textos a serem analisados são divididos em grupos (as classes), em relação às suas temáticas.

Outra é a Análise Fatorial de Correspondência (AFC), que é feita a partir da CHD e apresenta como se dispõem em um plano cartesiano (com eixos x e y) os agrupamentos de palavras e sujeitos, o que o difere de uma nuvem de palavras (RAMOS; LIMA; AMARAL-ROSA, 2018) – esta última, agrupa e organiza de forma gráfica os termos presentes no corpus, de acordo com sua frequência (MOIMAZ et al., 2016, TAVARES; MASSUCHIN; DE SOUSA, 2021).

ANÁLISE DOS DADOS

Primeiramente criamos uma nuvem de palavras (Fig. 1) por meio do IRAMUTEQ, o que nos permite visualizar os termos mais frequentes no debate entre os dias 08 de dezembro de 2020 e 18 de janeiro de 2022.

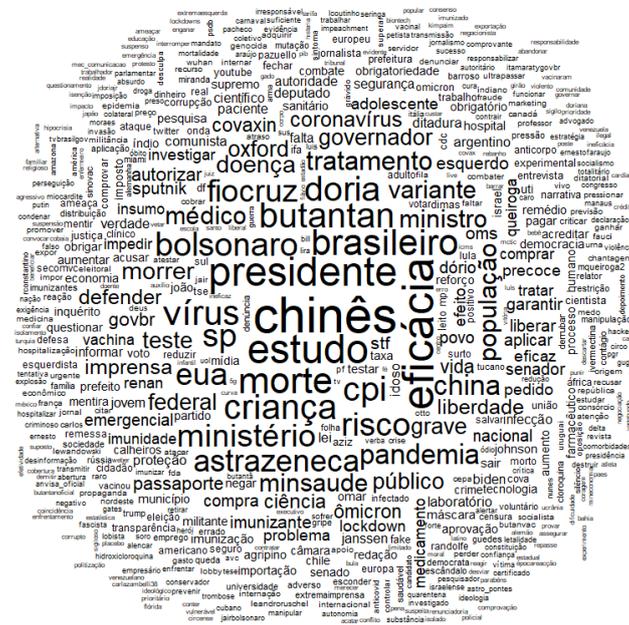


Figura 1: Nuvem de palavras – ecossistema bolsonarista: termo eficácia. Fonte: autoras a partir de dados do Relatório Vacinômetro/Observa (2022).

Os termos se interrelacionam na prática discursiva, mas entre eles destacamos a qualificação do vírus como sendo chinês, indo desde uma associação entre Dória e interesses comerciais e políticos chineses, passando por uma suposta intencionalidade de contaminação por parte do mesmo país (Quadro 2).

@Rconstantino “Isso é um crime! Follow the money! Em algum momento é preciso abrir esses acordos todos com a China, pois aí tem, esse governador age como lobista. Crianças não são COBAIAS! Quais os riscos de morte para um adolescente com Covid Demagogo, irresponsável!”
@Rconstantino “Chamou de negacionista já sei que é gado chinês dorianana...”
@leandruschel “Afinal, qual é a origem do vírus chinês Ele surgiu naturalmente Escapou de um laboratório Arma biológica Por que autoridades chinesas não fizeram nada para impedir sua disseminação logo que souberam que havia uma epidemia Queriam esconder Foi negligência Intencional”.
@taoqueil “Meu Deus!! Dória sentiu com todas as forças do universo! Após ter esfregado em sua cara q SP possui os piores índices do Brasil em mortalidade pelo vírus Chinês, DitaDória surta e fala em terraplanismo!!! Se perdeu e teve q ouvir q não se reelege nem pra síndico. Vc ACABOU Dória!”
@Gfiuza_oficial “O laboratório chinês escolhido pelo Dória paga propina p/ impor suas vacinas Impressionante. Quem poderia imaginar Não estamos vendo ninguém tentando empurrar vacina às pressas, nem lobby pela obrigatoriedade de algo q ainda não existe... O Washington Post deve ter se enganado”.

Quadro 2: Termo chinês. Fonte: autoras a partir de dados do Relatório Vacinômetro/Observa (2022).

Quando observamos mais detidamente o termo ‘criança’, a centralidade do discurso é a defesa da não obrigatoriedade da vacinação para essa faixa etária (Quadro 3).

@Rconstantino “Joel é um café com leite mesmo (e olha quem curte). Só não diz o que mudou. Continuo achando absurdo vacinação obrigatória e idiota a comparação de vacinas amplamente testadas em crianças com uma nova em adultos. Nada mudou. Joel segue uma nulidade, um bobinho esquerdista”.
@leandroruschel “Então as redes agora estão censurando até a OMS, que não defende vacinação de crianças Uê, a desculpa para censura não era ser contra a posição da OMS Agora, qual será a desculpa Fica evidente que o objetivo dessas empresas é IMPOR a sua posição sobre qualquer questão”.
@GFiuza_oficial “NINGUÉM consegue justificar vacinação obrigatória contra covid. NINGUÉM consegue justificar vacinação de crianças e adolescentes contra covid. Estamos no meio de um ESCÂNDALO. Todos os médicos que estão em silêncio sobre isso são CÚMPLICES”.

Quadro 2: Termo *chinês*. Fonte: autoras a partir de dados do Relatório Vacinômetro/Observa (2022).

@Rconstantino “Joel é um café com leite mesmo (e olha quem curte). Só não diz o que mudou. Continuo achando absurdo vacinação obrigatória e idiota a comparação de vacinas amplamente testadas em crianças com uma nova em adultos. Nada mudou. Joel segue uma nulidade, um bobinho esquerdista”.
@leandroruschel “Então as redes agora estão censurando até a OMS, que não defende vacinação de crianças Uê, a desculpa para censura não era ser contra a posição da OMS Agora, qual será a desculpa Fica evidente que o objetivo dessas empresas é IMPOR a sua posição sobre qualquer questão”.
@GFiuza_oficial “NINGUÉM consegue justificar vacinação obrigatória contra covid. NINGUÉM consegue justificar vacinação de crianças e adolescentes contra covid. Estamos no meio de um ESCÂNDALO. Todos os médicos que estão em silêncio sobre isso são CÚMPLICES”.

Quadro 3: Termo *criança*. Fonte: autoras a partir de dados do Relatório Vacinômetro/Observa (2022).

Sobre o termo ‘eficácia’ verificamos duas grandes estratégias discursivas (Quadro 4): a difusão de desconfiança em relação às vacinas e a defesa de tratamentos precoces sem comprovação científica – de forma articulada à esta falaciosa argumentação, há tuítes com um teor de previsibilidade a uma iminente imunidade coletiva.

@revistaoeste “Sem eficácia atestada, Butantan começa a produzir a vacina chinesa. Governo paulista quer produção de 1 milhão de doses diárias da CoronaVac”.
@leandroruschel “E se as vacinas forem ineficazes contra essa nova cepa É preciso fazer um estudo urgente. Não há motivo para colocar mais bilhões nelas se forem ineficazes... O estudo da Vachina já mostrou uma estudo de eficácia no limite da usabilidade, antes mesmo das mutações”.
@leandroruschel “A CNN postando estudo inglês que sugere eficácia da Ivermectina contra o vírus chinês. Pensei que a imprensa estava proibida de publicar qualquer estudo científico que sugira eficácia das drogas politicamente incorretas”.
@revistaoeste “Dois mil médicos brasileiros assinam manifesto em defesa do tratamento precoce como medida de enfrentamento ao vírus chinês”.
@taoqueil “Aahhh, mas e a hidroxicloroquina Bom, ela é usada, estudada e testada a mais de 50 anos. E não acho que as pessoas deveriam ser obrigadas a tomar, mas as que querem, deveriam ter o acesso que hoje é negado em nome da ciência. Toma quem quer e se sente seguro”.
@revistaoeste “Coronavírus: médico francês voltou a atestar que hidroxicloroquina funciona contra a covid19”.
@leandroruschel “A CNN postando estudo inglês que sugere eficácia da Ivermectina contra o vírus chinês Pensei que a imprensa estava proibida de publicar qualquer estudo científico que sugira eficácia das drogas politicamente incorretas”.
@taoqueil RT @jairbolsonaro “O tratamento precoce salva vidas. A vacina emergencial (depois de certificada pela @anvisa_oficial), e não obrigatória”.
@GFiuza_oficial “TOQUE DE RECOLHER: medida ilegal, ditatorial e sem NENHUM estudo no mundo comprovando eficácia sanitária (ver Ioannidis, Stanford). Governadores e prefeitos ignoram ônibus lotados e preferem dar show de boçalidade fingindo salvar vidas. Estão destruindo vidas. Vão pagar por isso”
@leandroruschel “Pelo ritmo de infecções pelo vírus chinês em quase todos os países, a imunidade de rebanho será atingida antes que as vacinas possam fazer algum efeito maior, tirando o caso de Israel, país menor que opera para vacinar toda população em tempo recorde”.

Quadro 4: Termo *eficácia*. Fonte: autoras a partir de dados do Relatório Vacinômetro/Observa (2022).

A Classificação Hierárquica Descendente - CHD (Fig. 2) divide os termos utilizados os termos dos textos dos tuítes em classes, que podemos entender como temas. Por exemplo, relacionados ao político Dória, com termos como dória, governador, trancar, entre outros. Apesar do corpus ser todo relacionado à vacina, a classificação feita pelo software voltava com algumas classes que não traziam termos necessariamente relacionados à investigação, portanto, tais classes eram excluídas e se procedia a uma nova reclassificação. Isso foi feito até que se chegasse a oito classes temáticas. Nesse resultado final, não há uma grande diferença de magnitude entre as classes temáticas, exceto quando observamos o debate em torno da classe 6 (veja imagem a seguir).

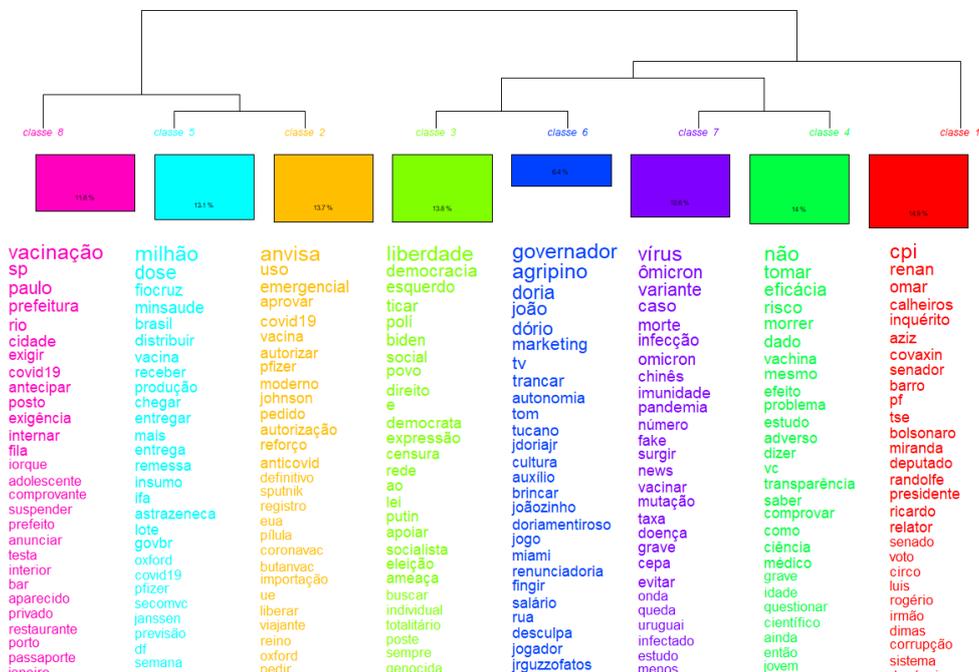


Figura 2: Classes temáticas - influenciadores político-digitaes bolsonaristas. Fonte: autoras a partir de dados do Relatório Vacinômetro/Observa (2022).

A classe 1 em cor vermelha (14,9% do *corpus*) traz os elementos discursivos presentes no debate sobre a CPI da Covid, inclusive com nomes de integrantes da comissão e de depoentes. Na classe 2 em amarelo (13,7% do *corpus*), observamos a discussão sobre a aprovação e uso de vacinas. Na classe 3 em verde claro (13,8%), vemos um debate sobre liberdade de não se vacinar, de associação entre esquerda/socialismo/ditadura, sendo a obrigatoriedade uma infração aos direitos individuais. A classe 4 em verde (14%) retrata similar estratégia discursiva, mas com o adicional de contestação de sua eficácia e da qualificação de ser uma vacina chinesa (Vachina). Na classe 5 em azul claro (13,1%), vemos uma discussão mais centrada na distribuição das vacinas e de seus tipos. Com classe 6 em azul (6,4%) é possível visualizar melhor os embates entre o bolsonarismo e o governador de São Paulo João Doria do PSDB. A classe 7 em cor roxa (12,6%) tem um sentido discursivo de associação mais intensa entre os termos Vachina/vírus/morte/chinês/fake. Por fim, a classe 8 em rosa (11,6% do *corpus*) apresenta as críticas em torno da exigência da vacinação e criação de um passaporte vacinal que permitiria uma maior circulação de pessoas.

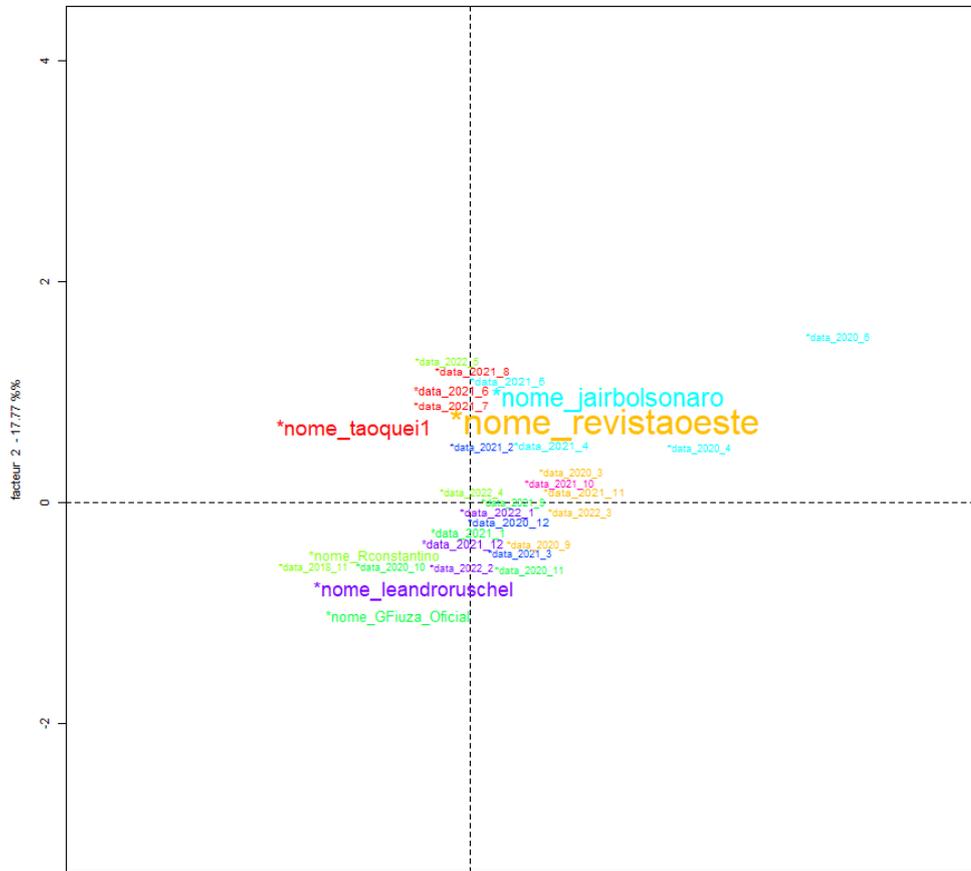


Figura 4: Disposição dos perfis nas classes temáticas. Fonte: autoras a partir de dados do Relatório Vacinômetro/Observa (2022).

@Rconstantino “Quando o sujeito que é réu em inúmeros processos, devidamente ignorados pelos companheiros supremos, banca o preocupado com desvios e pede uma CPI, já sabemos que o interesse não tem absolutamente nada a ver com combate à corrupção”.

@taoquei1 “O senador saltitante acabou d dizer a CNN q Pazuello pode ser preso caso falte com a verdade (vai saber qual verdade eles irão considerar) na CPI. Se um general for preso por uma comissão que tem entre os seus, investigados por corrupção com apelido em lista da Odebrecht, acabou”.

@taoquei1 “Surtem mais que tá pouco! Seu herói é o Renan 17 processos Calheiros! Vai filho, sai do Armário e passa pano para o Omar Aziz, que teve a esposa e 2 irmãos presos por desvios NA SAÚDE!Põe pra fora q vc não liga para o combate a corrupção. Crie coragem! #BolsonaroAte2026”

Quadro 5: CPI da Covid. Fonte: autoras a partir de dados do Relatório Vacinômetro/Observa (2022).

Nos quadrantes inferiores, vemos que o debate sobre as variantes do vírus, sua mortalidade e a qualificação sinofóbica se articulam bem nas classes 7 (roxa) e 4 (verde) – na 1ª classe com atuação mais intensa do perfil @leandroruschel e na 2ª de @GFiuzo_oficial (Fig. 4).

A proximidade entre as classes 3 (verde claro) e 6 (azul) apontam para uma intensa articulação discursiva entre um suposto tolhimento das liberdades individuais no contexto da implantação de medidas sanitárias, especialmente por parte do governador de São Paulo, muitas vezes nomeando-a como uma ditadura sanitária. Sendo essas as principais estratégias discursivas de @Rconstantino (Fig. 4).

As classes 3 (amarela) e 8 (rosa) também aparecem bem articuladas e muito em torno de uma discursividade em relação às aprovações e possibilidade de ampliação da circulação – no caso da classe 3 há uma preponderância discursiva do perfil @revistaoeste (Fig. 4) em tom mais informativo. Essas duas classes é que se ligam à classe 5 (azul claro), um cluster um pouco mais isolado que tem como ponto central a defesa sobre a atuação do Ministério da Saúde (Quadro 6) durante a pandemia, inclusive mencionando tratamento precoce e que tem como principal porta-voz o perfil de @jairbolsonaro (Fig. 4).

@taoqueil “RT @CarlaZambelli38: URGENTE: @minsaude anuncia a compra de 20 milhões de doses da vacina Covaxin, fabricada pela indiana @BharatBiotech”.
@jairbolsonaro “Tratamento precoce do corona vírus; @minsaude. Crédito para manutenção da Economia; @govbr. Auxílio a todos os estados independente de sua ideologia pensando em todos os brasileiros; @secomvc”
@jairbolsonaro “Com a chegada de insumos para fabricação de mais de 12 mi de vacinas, anunciadas no dia 03/03 mais uma nova rodada com mais de 2,5 mi de doses, além das anteriores, tratativas avançam, mesmo com todos os problemas que o mundo enfrenta. Mais informações nas redes do @minsaude”.

Quadro 6: Ministério da Saúde. Fonte: autoras a partir de dados do Relatório Vacinômetro/Observa (2022).

CONCLUSÕES DA PESQUISA

Nossa pesquisa buscou compreender a campanha de desinformação encampada pela rede da extrema direita bolsonarista no Twitter entre dezembro de 2020 e janeiro de 2022 – um período ainda bastante crítico da pandemia.

Nesse contexto de grande angústia coletiva, o então presidente da República e outros cinco de dez perfis mais retuitados utilizaram deliberadamente uma estratégia discursiva desinformativa de fomento e ampliação de incertezas em um clima de desconfiança sistemática em relação às medidas sanitárias e à campanha de vacinação. Os resultados da presente pesquisa estão em sintonia com o que foi levantado por Ventura, Aith e Reis (2021) de que houve intencionalidade na disseminação da Covid-19 por parte do governo federal – aqui dizemos que houve intencionalidade na disseminação da desinformação.

Assim, nossa hipótese investigativa foi respondida na medida em que reconhecemos, nesses influenciadores político-digitais situados na extrema direita bolsonarista, o capital social de serem *superspreaders* nos termos do CCDH (2021). E a estratégia de intensa propagação/viralização de desinformação nas redes, especificamente no Twitter, objetivou mudar a rota discursiva em termos de disputa hegemônica sobre o que prevalecerá como agenda pública e cosmovisão¹⁰ e integrará uma prática discursiva de construção, contingencial, de identidades coletivas (LACLAU, 2015; MOUFFE, 2015).

Aqui cabe ressaltar que muitas são as motivações que incidem no compartilhamento de desinformação – dentre elas está a corroboração “[...] com valores prévios [...] quando há uma coincidência entre o conteúdo e seus próprios valores – um viés de confirmação –, e articulada a essa postura identificamos a busca por pertencimento (CHICARINO; FERRAZ; CONCEIÇÃO, 2021, p. 20).

A deliberada estratégia de desinformação pode ser observada nas dinâmicas discursivas de seis influenciadores político-digitais bolsonaristas (entre eles o próprio Bolsonaro), para tanto, adotamos como categoria analítica o conceito de enquadramento em uma abordagem mais geral, e o conceito de significantes vazios (LACLAU, 2015; MOUFFE, 2015) no que se refere à disputa hegemônica dos sentidos discursivos.

Os enquadramentos mais gerais que identificamos no referido corpus tratam dos temas públicos CPI da Covid e sobre o propagandeado bom desempenho do governo federal na condução da pandemia – enquanto são inúmeras as evidências factuais que contrariam esse posicionamento (VENTURA; AITH; REIS, 2021). Importante destacar

10 Para Ferreira (1986, p. 57) o conceito de hegemonia está amplamente associado à compreensão gramsciana de concepção de mundo, que no cotidiano se materializa em maneiras de agir e de pensar, mas que, vistas de forma mais ampla, se traduzem em um coerente sistema de organização de condutas calcado em valores culturais, dado pela práxis, e que configura uma determinada cosmovisão.

que enquanto “esquemas de interpretação” (MCCOMBS, 2004) esses enquadramentos buscam chamar a atenção do público cativo bolsonarista (RUEDIGER, M. A., GRASSI, 2020) e, além da captura de sua atenção, têm o potencial de fornecer subsídios discursivos para um entendimento coletivo acerca dos eventos, que se pretende hegemônico, e que pode se desdobrar em evento e atuação/intervenção da militância digital.

Os significantes vazios (LACLAU, 2015; DE CLEEN, GLYNOS, MONDON, 2018) dizem sobre termos que a princípio são indeterminados, e justamente por isso, por serem dispersos e polissêmicos, podem ser objeto de disputas políticas em torno de seu fechamento semântico, sempre contingente.

Esse fechamento semântico se faz pelo estabelecimento de fronteiras políticas contingenciais – de quem é o *outro* ou os *outros* – em torno de determinadas cadeias de equivalências, ou seja, um significante pode adquirir um significado quando há a equivalência de certas diferenças.

Nesse sentido, a estratégia discursiva com pretensão hegemônica empreendida pelos influenciadores político-digitais bolsonaristas buscou estabelecer as seguintes fronteiras:

- a. o vírus chinês e a atuação deliberada da China em espalhar o vírus e/ou em obter ganhos econômicos em uma situação de calamidade versus nós, que desvendamos esse plano e não nos submetemos a ele;
- b. a campanha de vacinação versus uma intensa contestação em relação à eficácia das vacinas, adicionalmente à defesa de tratamentos precoces sem comprovação científica;
- c. medidas para conter a disseminação do vírus versus o enquadramento semântico de são investidas ditatoriais em prol da eliminação das liberdades individuais. Ao que Lago (2021) identifica como um caráter hiper liberal, em reminiscência pré-hobbesiana, onde não se pode limitar os impulsos do indivíduo. E que Brown (2019, p.39) situa como um discurso de inspiração e legitimação da extrema direita, onde “a liberdade se torna um direito de apropriação, ruptura e até mesmo de destruição do social” – como é a saúde pública.

Importante destacar que para Laclau (2015) e Mouffe (2015), na sociedade há sempre a constituição de fronteiras políticas que se fazem por meio de identidades coletivas (do que se é, pensa e/ou age em relação ao que não se é, pensa e/ou age) discursivamente construídas por meio de práticas hegemônicas, tal como é feito por esses superspreaders da extrema direita bolsonarista.

Assim, os dados de nossa pesquisa, de sistematização de 7.386 tuítes em um momento crítico da pandemia, em pouco mais de um ano, apontam para uma promoção deliberada, por parte do bolsonarismo, de desconfiança sistemática no espaço público em relação às medidas sanitárias e à campanha de vacinação.

REFERÊNCIAS

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. **Social media and fake news in the 2016 election**. *Journal of Economic Perspectives*, vol 31(2), 211-236, (2017).

AVRITZER, L.; KERCHE, F.; MARONA, M. **Governo Bolsonaro**. Retrocesso democrático e degradação política. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo**. A ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Politeia, 2019.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em psicologia**, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 513–518, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.9788/tp2013.2-16>.

CAVE, E. COVID-19 **Super-spreaders**: definitional quandaries and implications. *Asian Bioethics Review*, 2020.

CCDH. The center for countering digital Hate. **The anti-vaxx playbook**, 2020. In: <https://www.hsdl.org/?view&did=848263>.

_____. The desinformation Dozen, 2021. In: CESARINO, L. **Como vencer uma eleição sem sair de casa**: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & sociedade*. N. 1. V. 1. Fev. 2020.

CHAGAS, V. WhatsApp and Digital Astroturfing: A Social Network Analysis of Brazilian Political Discussion Groups of Bolsonaro's Supporters. **International Journal of Communication**, 16 (2022).

CHICARINO, T. S.; RONDEROS, S. Entre a eliminação e o dissenso: soberanismo bolsonarista contra o ethos democrático. **Revista ponto e vírgula**, São Paulo, n. 26. 2019.

CHICARINO, T. S.; FERRAZ, C. P.; CONCEIÇÃO, D. L. L. **Fake news na mira do eleitorado**: o que conservadores e progressistas pensam das notícias falsas. Paper apresentado na 45º Encontro da Anpocs, 2021.

CONSELHO EUROPEU. Disponível em: <https://www.osce.org/fom/302796>. Acessado em jul.2020.

DE CLEEN, B.; GLYNOS, J.; MONDON, A. Critical research on populism: Nine rules of engagement. **Organization**, v. 25, n. 5, p. 649–661, 2018. DOI: 10.1177/1350508418768053.

DOURADO, T. M. **Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil**. 323 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas), Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

_____. **Processos de rumores e circulação de fake news**: paralelos teóricos e o caso das eleições municipais de 2020 do Brasil. São Paulo: Cadernos Adenauer, 2021.

FERREIRA, O. S. **Os 45 cavaleiros húngaros**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

GRAMSCI, A. Maquiavel. **A política e o Estado Moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LACLAU, E. **A razão populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemonia e estratégia socialista**. Por uma política democrática radical. São Paulo: Intermeios, 2015.

LIN, N. Building a Network Theory of Social Capital. **Connections**, [s. l.], v. 1, n. 22, p. 28–51, 1999.

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da Agenda**. A mídia e a opinião pública. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

MOIMAZ, S. A. S. et al. Análise Qualitativa Do Aleitamento Materno Com O Uso Qualit Y Analysis of Breast Feeding By. **Saúde e pesquisa**, [s. l.], v. 9, n. 3, p. 567–577, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.177651/1983-1870.2016v9n3p567-577>

MOROZOV, E. **Big Tech** – a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu, 2018.

MOUFFE, C. **Sobre o político**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

PENTEADO, C. FERREIRA, M. PEREIRA, M. CHAVES, J. #Vacinar ou não, eis a questão! As emoções na disputa discursiva sobre a aprovação das vacinas contra a Covid-19 no Twitter. **Política & sociedade**. Florianópolis - Vol. 20 - Nº 49 - Set./Dez. de 2021.

RAMOS, M. G.; LIMA, V. M. R.; AMARAL-ROSA, M. P. **Contribuições do software IRAMUTEQ para a Análise Textual Discursiva**. Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa, [s. l.], v. 1, n. July, p. 505–514, 2018.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REINERT, M. Alceste une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurelia De Gerard De Nerval. **Bulletin de méthodologie sociologique**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 24–54, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/075910639002600103>

RUEDIGER, M. A.; GRASSI, A. (Coord.). O ecossistema digital nas eleições municipais de 2020 no Brasil: o buzz da desconfiança no sistema eleitoral no Facebook, YouTube e Twitter. **Policy paper**. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2020.

SANTOS, J. G. B.; FREITAS, M.; ALDÉ, A.; SANTOS, K.; CUNHA, V. C. C. WhatsApp, política mobile e desinformação: a hidra nas eleições presidenciais de 2018. **C&S** – São Bernardo do Campo, v. 41, n. 2, p. 307-334, maio-ago. 2019.

TAVARES, C. Q; MASSUCHIN, M. G.; DE SOUSA, L. L. To whom do we call upon when we talk about gender and communication? Aspects of coloniality and decoloniality from the bibliography used in research on the field. **Comunicacao, mídia e consumo**, [s. l.], v. 18, n. 51, p. 36–59, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18568/cmc.v18i51.2534>.

UNESCO. **Desinformação**. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/communication-and-information/freedom-of-expression/media-development/disinformation/>. Acessado em jul.2020.

VENTURA, D. F. L.; AITH, F. M.; REIS, R. R. (orgs.). **A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da Covid-19**. Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2021.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making, **Strasbourg Cedex**: Council of Europe, 2017.

WARDLE, C. **First draft**. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/latest/fake-news-complicated/>. Acessado em jul.2020.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

CHICARINO, Tathiana; LOUREIRO, Eliana; SEGURADO, Rosemary. #VacinaObrigatoriaNao: a campanha bolsonarista no Twitter. **Revista Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 18, pp: 77-101. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2763-9398.2023v18n.63746>